Branca-Flor

Adolfo Coelho

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era de uma vez um rei que era muito jogador e tinha por costume jogar com o seu criado particular. Um dia em que já tinha perdido muito ao jogo, jogou a própria coroa e o criado ganhou-a. Vendo-se o criado de posse da coroa não cabia em si de contente, mas pouco tempo lhe durou o contentamento, pois quando ele menos o esperava, vieram duas pombas e roubaram-lhe a coroa, levando-a nos bicos.

Contou o criado isto ao rei e este disse-lhe: — «Se tu fores capaz de me restituires a coroa dar-te-hei a minha filha em casamento.»

Chamava-se a filha do rei Branca-Flor e tanto ela como a rainha sua mãe eram feiticeiras. A mãe podia fazer quanto quisesse desde a madrugada até à meia-noite e Branca-Flor podia usar dos seus poderes de noite e de dia.

Quando Branca-Flor soube da perda da coroa transformou-se numa pomba e fugiu do palácio, com tenção de voltar só quando seu pai a tivesse de novo em seu poder.

Partiu o criado do rei em busca das pombinhas que tinham levado a coroa e como passasse muito tempo sem as encontrar foi ter ao reino da chuva para ver se ali lhe davam notícias d'elas. Chegado lá, encontrou uma velhinha que lhe disse ser mãe da chuva, e como ele lhe dissesse o que pretendia, mandou-o entrar para casa e esperar que viesse a filha. Passados poucos momentos chegava ela e disse logo: — «Senhora mãe, aqui entrou gente pois cheira-me a sangue humano.» Respondeu-lhe a mãe: — «Não te enganas, minha filha; está

aqui um criado do rei que deseja que lhe digas se vistes duas pombinhas que levavam uma coroa real nos bicos.» Respondeu a chuva: — «Não as vi, mas talvez o meu compadre vento as visse, pois esse quase sempre entra em toda a parte.»

Foi o criado ter ao reino dos ventos; esperou que o rei dos ventos entrasse em casa e logo sentiu o grande barulho que ele fazia. Da mesma forma que a chuva, assim ele respondeu, acrescentando mais: — «A mim tapam-me todos os buracos e janelas, por isso nada sei d'essas pombas, mas o sol com certeza há de saber, pois as aves gostam todas muito do sol.»

Partiu o criado para o reino do sol e nestas viagens iam-se passando anos, pois ele tinha de atravessar ares e nuvens para ver se encontrava o que desejava. Chegado ao reino do sol logo este lhe apareceu e lhe disse: — «As pombas que procuras estão no reino dos pássaros; agora estão elas fazendo os seus ninhos dentro da coroa que te roubaram; monta no meu cavalo e parte para lá; espera que as pombas saiam, tira a coroa e logo o rei dos pássaros te oferecerá as suas asas para te conduzir ao palácio do rei teu amo.»

Montou o criado no cavalo do sol e tudo se passou como ele tinha dito. Chegado ao palácio do rei com a coroa, disse-lhe o rei: — «Não te posso já dar a minha filha, porque ela anda encantada numa pomba, mas se tu quiseres casar com ela hás de primeiro fazer o que te vou ordenar. Vês aquele campo que está em frente deste palácio?» — «Vejo, real senhor.» — «Pois bem; ordeno-te que de hoje até amanhã o vás semear de trigo, e que o faças crescer, que o ceifes, lhe tires a farinha, cozas o pão e m'o apresentes aqui pronto.»

Foi-se o criado muito triste por lhe parecer impossível fazer tantas coisas; eis que de repente lhe apareceu Branca-Flor e lhe disse: — «Sei de tudo que meu pai te ordenou; não te dê cuidado que tudo se há de arranjar.» De repente

achou-se o campo semeado de trigo, daí a pouco tempo foi ceifado por Branca-Flor e pelo criado; depois prepararam o trigo para ser moído, amassaram o pão e cozeram-no. Branca-Flor ordenou ao criado que levasse os tabuleiros de pão a seu pai e fosse sempre apregoando: — «Quem quer pão quente, quem quer pão quente!»

Maravilhou-se o rei quando viu tudo pronto e perguntou ao criado: — «Por aqui andou Branca-Flor?» — «Nem eu vi Branca-Flor, nem ela me viu a mim.» — «Pois bem; já que tivestes tanto poder, não te darei minha filha sem que tu me tragas para perto do meu palácio aquelas grandes pedreiras que se avistam acolá ao longe.»

Foi-se o criado muito triste e logo lhe apareceu Branca-Flor e lhe disse: — «Nada te dê cuidado, mas que meu pai nunca saiba que sou eu que te valho.»

Pela manhã quando o rei acordou achou o palácio rodeado das pedreiras; então perguntou ao criado: — «Por aqui andou Branca-Flor?» — «Nem eu vi Branca-Flor, nem ela me viu a mim.» Disse-lhe então o rei: — «Ainda te não dou minha filha sem que primeiro tragas o mar para a frente do meu palácio.»

Apareceu Branca-Flor ao criado e disse-lhe: — «Toma este vidro que contém sangue que eu agora mesmo tirei deste braço; irás derramando gotas d'ele em volta do palácio e logo verás o mar rodeá-lo; tem porém muita cautela não deites nenhuma gota de sangue em ti, porque ser-te-há isso muito perigoso.»

Andou o criado durante a noite deitando o sangue em volta do palácio e ao mesmo tempo via que o mar crescia e quando ia a amanhecer já o palácio formava uma ilha e Branca-Flor mandava prender os navios às janelas do palácio.

O criado quando andava deitando o sangue esqueceu-se da recomendação de Branca-Flor e chegou o sangue a um dedo e logo este lhe caiu.

De madrugada, quando o rei acordou, viu feito tudo que tinha ordenado ao criado e então a rainha disse-lhe: — «Não é possível que deixasse d'andar por aqui Branca-Flor.» Veio o criado e respondeu: — «Nem eu vi Branca-Flor, nem ela me viu a mim.»

Vendo o rei que nada já podia ordenar que não fosse feito, disse ao criado: — «Casarás com minha filha logo que ela volte a palácio.»

Nesse mesmo instante Branca-Flor a voltar. Então o rei perguntou-lhe se era da vontade d'ela casar com o seu criado particular, e ela respondeu que sim. Casaram mesmo nesse dia e Branca-Flor perdeu o encanto, mas não o poder de feiticeira.

Quando os noivos foram à noite para se deitar, reparou Branca-Flor que sobre o seu leito estava suspensa por um cabelo uma espada desembainhada, então disse ela ao seu marido: — «Vês esta espada? — «Vejo» — É a prova de que meu pai nos quer matar; é preciso fugir, mas não o podemos fazer antes da meia-noite e nem depois, porque até à meia-noite pode minha mãe usar do seu poder de feiticeira e saberia para onde íamos, e ao dar da meia-noite, virá meu pai matar-nos. Não devemos, pois, ao dar meia-noite ter já fugido, mas devemos partir então. Vai aparelhar os cavalos que andam tanto como o pensamento e ninguém nos poderá alcançar; se fôssemos nos que andam tanto como o vento era mau, porque não andam tanto como os outros.»

Enganou-se o criado e aparelhou os cavalos que andavam tanto como o vento e Branca-Flor sem reparar nisso partiu mais ele à hora que estava destinada.

Quando o rei foi ao quarto d'eles para os matar, viu que tinha sido logrado e então a rainha disse-lhe: — «Antes da madrugada não partas, porque estou sem o meu poder; mas logo que amanheça manda aparelhar os cavalos que andam como o pensamento e eu farei com que tu alcances os fugitivos.»

Partiu o rei de madrugada e logo avistou os noivos muito ao longe e Branca-Flor também avistou seu pai e então disse a seu marido: — «Meu pai segue-nos, já o avisto ao longe; mas não te dê cuidado; os cavalos se transformem em terra, os arreios numa horta, eu numa alface muito repolhuda e tu serás o hortelão; meu pai há de perguntar-te: viram por aqui Branca-Flor? e tu responderás: se quer alface é a 20 réis cada uma.»

No mesmo instante tudo se transformou como Branca-Flor tinha ordenado. Chegou o rei e perguntou ao hortelão por Branca-Flor e ele deu a resposta que ela lhe tinha ensinado. Renovou o rei a pergunta e o hortelão dando sempre a mesma resposta.

Caminhou o rei para diante sempre em busca dos fugitivos e estes quando viram que ele já ia longe, transformaram-se outra vez no que eram e partiram, sempre correndo. Quando iam já muito longe tornaram a avistar o rei e então disse Branca-Flor: «Lá vejo outra vez o meu pai, mas não te dê cuidado isso; que os cavalos se transformem numa ermida; os arreios em altar, eu numa santa e tu serás o sacristão que estarás à porta a tocar à missa.»

Logo tudo se transformou e o sacristão foi para a porta da ermida tocar à missa. Chegou o rei e perguntou: — «Viste por aqui Branca-Flor?» — «Se quer ouvir missa, estou a tocar a ela.» — «Não pergunto por missa, mas sim por Branca-Flor e por seu marido que deviam ter passado aqui a cavalo.» O sacristão respondia sempre o mesmo.

Entrou o rei na ermida; viu a santa e pareceu-lhe que ela se assemelhava a Branca-Flor, mas como nada mais soubesse partiu novamente em busca d'ela.

A ermida, o altar, a santa e o sacristão tornaram outra vez ao que eram e partiram correndo sempre com receio de serem encontrados. Mas o rei, que não descansava, avistou-os novamente e ela então disse ao marido: — «Que os cavalos se façam num mar, os arreios num barco, tu no barqueiro e eu serei uma tainha que andarei saltando em volta do barco.»

Chegou o rei e perguntou ao barqueiro: — «Viste por aqui Branca-Flor?» — «Se quer embarcar agora é maré.» E a tainha sempre saltando, ora no bordo do barco, ora na água.

Vendo o rei que nada tinha conseguido do que buscava, voltou para palácio a contar tudo à rainha e esta disse-lhe: — «Olha, a horta que tu viste eram os cavalos e os arreios; o hortelão o teu genro e a alface Branca-Flor. A ermida, que viste, eram outra vez os cavalos, a santa Branca-Flor e o sacristão o marido d'ela. O barco, o barqueiro e a tainha eram também eles; mas eu vou já lá, pois agora estou com todos os meus poderes, que são maiores do que os da nossa filha e veremos como isto há de ser.»

Foi a rainha à borda do mar e encontrou ainda tudo como o rei lhe tinha dito e então disse: — «Volte tudo ao que era e já que não posso mais sobre minha filha ordeno-lhe que se esqueça inteiramente de que é casada e que seu marido se esqueça também d'ela e que nunca mais se tornem a lembrar do que passaram.»

No mesmo instante tudo se cumpriu: esqueceram-se inteiramente um do outro. Branca-Flor voltou para casa de seu pai e o marido foi correr terras. Passaram-se anos sem que se lembrassem mais um do outro e neste tempo morreu a rainha e o rei, e Branca-Flor como se visse só resolveu casar-se.

Estava já destinado o dia para a boda quando ao marido de Branca-Flor foram dizer o que estava sucedendo e ele então começou a recordar-se do que tinha passado e resolveu partir para o palácio, onde Branca-Flor estava para casar.

No caminho encontrou um casal de pombas que lhe contaram mais por miúdo tudo que estava para suceder e se ofereceram para o auxiliar em tudo que ele precisasse.

Chegado que foi ao palácio de Branca-Flor, ofereceu-se para criado e foi logo aceito, pois como a princesa estava para casar precisava de criados.

Estavam já todos à mesa, príncipes, princesas e mais pessoas reais que tinham sido convidados para assistir ao casamento e os noivos na cabeceira da mesa, ricamente vestidos e com muitas joias e brilhantes. O novo criado tinha preparado um grande bolo para a noiva e andava servindo à mesa; à sobremesa partiu-se o bolo e logo saíram de dentro um pombo e uma pomba que se foram banhar num vaso d'água que estava no centro da mesa e depois de banhados colocaram-se ao lado de Branca-Flor e o pombo perguntou à pomba: — «Olha lá, não te lembras quando teu pai perdeu a coroa ao jogo e tu a ganhaste e depois vieram duas pombas e a roubaram?» Respondeu a pomba: — «Não me lembra nada.»

E assim o pombo foi recordando à pomba tudo quanto Branca-Flor tinha passado e mais o marido; e ao passo que a pomba dizia que se ia recordando, ia-se Branca-Flor recordando de tudo e no fim do jantar levantou-se da mesa e disse: — «Recordo-me de tudo e se ainda vive meu marido que venha, pois só a ele quero.»

Nisto fugiram os pombos e o criado que andava a servir à mesa perguntou a Branca-Flor se o conhecia; ela então dando-lhe um abraço, disse: — «Só tu

serás meu esposo e a coroa de meu pai, que também já te pertenceu, será outra vez tua, pois tu serás o rei destes estados.»

Retirou-se o segundo noivo de Branca-Flor muito triste, mas louvando a resolução d'ela.

(Coimbra.)

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Produção: Marcelo Castro Barbosa, assistido por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/branca-flor-coelho